

30 de junho de 1949

MEIO DE SEMANA

Foi com certeza o último livro de Antoine de Saint-Exupéry. Talvez mesmo um livro póstumo, um livro que o autor não viu nascer e viver nesse universo colorido e transitório dos livros. Por isso, tem um sabor de antecipação trágica, um vago magnetismo de morte.

Pilote de Guerre. O elemento natural de Saint-Exupéry, é o ar, o vôo, a cabine do avião, o fluido desconhecido que pode acontecer de um momento para outro numa vertiginosa vertical sem substância. Em *Pilote de Guerre* existe um dois mais dramáticos retratos do desmoronamento de França. O que já se leu antes, em reportagens e livros contendo a pressa dos depoimentos de ocasião, está longe de nos causar a mesma impressão que nos subjuga ao contato com essas páginas do escritor morto. É o poder descritivo de Saint-Exupéry que nos faz sentir profundamente o drama de França, como em nenhum painel anterior. E começa pelo absurdo desse mundo desmoronado, mas onde as ordens sem razão de ser, as determinações impossíveis, os sacrifícios inúteis continuam numa cegueira dramática. É o autor partindo num avião de reconhecimento para conseguir informes que nunca serão utilizados porque tudo já está perdido, irremediavelmente. Mas parte, ele e seus dois companheiros de aventura pelo céu dominado pelas máquinas de Hitler. Fazer um reconhecimento sobre Arras. Tirar fotografias. Voltar se possível. Todos os dias partem aviões franceses. Em cada dez tentativas, nove não regressam. Saint-Exupéry vive o drama dessa hora absurda, entre um pálido dever que começa a se transfigurar, e a certeza dessa inutilidade. O livro oscila entre a vida interior, a infância que volta num tempo recuperado, e a passagem perigosa que vai se desdobrando sob as asas da máquina. Esse azul crepúsculo que recebe o avião em seu seio encantado! Da terra, começa o fogo. Flechas resplandecentes sobem e cercam o avião, como se

este estivesse sendo atacado à arma branca! As explosões coloridas no céu que a noite começa a amortilhar. Esse poder de descrição de Saint-Exupéry, misturando o momento do sacrifício certo e associações com a infância, quando sabe que se aproxima a hora da morte, é qualquer coisa de estranho pelo seu poder, e sendo literatura, perde a sua condição de texto para nos dar a presença direta da coisa evocada e recriada no instante.

Não foi dessa vez que Saint-Exupéry conheceu o último instante. Mas todos os sintomas do fim, a descrição da última hora, o avião atingido mas assim mesmo prosseguindo, tudo serviu, pouco depois, para o drama final que ele viveu sobre o Mediterrâneo, onde uma patrulha alemã o abateu, conforme imaginam os observadores que o viram partir para nunca mais regressar.

Pilote de Guerre foi seu último poema. Aquela mesma maneira ágil e diferente de encarar as coisas, e de escrevê-las, fixando-as na arte que possuía única, como em *Vol de Nuit*, *Terre des Hommes*, tantas maneiras de dizer as coisas de sempre com um jeito novo, uma luz insólita, uma comparação nunca vista.